



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista à análise de Roberto Goulart Menezes, professor da UnB



Exército dos Estados Unidos iniciará, a partir das 11h de hoje (horário de Brasília), o bloqueio do Estreito de Ormuz e de todos os portos iranianos, após o regime rejeitar cessar-fogo. Teerã adota postura desafiadora e promete “redemoinhos mortais”

Do acordo fracassado às ameaças de guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

A tensão entre Estados Unidos e Irã recrudescer, após Teerã rejeitar os termos de Washington para um cessar-fogo. Depois do fracasso das negociações em Islamabad, capital do Paquistão, o Comando Central dos EUA (Centcom) declarou que iniciará o bloqueio de todos os portos iranianos a partir das 11h de hoje (pelo horário de Brasília). “O bloqueio será aplicado parcialmente contra embarcações de todas as nações que entrarem ou saírem de portos e áreas costeiras iranianas, incluindo todos os portos iranianos no Golfo Pérsico e no Golfo de Omã”, escreveu o Centcom. Na prática, com a medida, as forças norte-americanas realizarão o bloqueio total do Estreito de Ormuz — o canal marítimo por onde passam 20% do petróleo produzido em todo o mundo.

O anúncio sucedeu o aviso feito pelo presidente Donald Trump, por meio de sua plataforma Truth Social, de que suas forças armadas assumiriam a proibição de navegação no Estreito de Ormuz. “Imediatamente, a Marinha dos Estados Unidos começará o processo de bloqueio de quaisquer e todos os navios que tentarem entrar ou sair do Estreito de Ormuz”, escreveu Trump. “Qualquer iraniano que disparar contra nós, ou contra navios pacíficos, será explodido para o inferno”, acrescentou o republicano, ao acusar Teerã de extorquir o mundo com Ormuz.

O Irã reagiu prontamente e classificou as ameaças de Trump

de “absolutamente ridículas e risíveis”. Enviado de Teerã a Islamabad, Mohammad-Bagher Ghalibaf — presidente do Parlamento iraniano — enviou um recado aos EUA: “Se vocês lutarem, nós lutaremos; se vierem com lógica, lidaremos com lógica”. “Não cederemos a nenhuma ameaça; que testem nossa vontade mais uma vez para que possamos lhes dar uma lição ainda maior”, alertou.

A agência de notícias iraniana Sepah News divulgou um comunicado da Marinha do Corpo de Guardiões da Revolução Islâmica do Irã. Segundo o texto, qualquer “movimento em falso” no Estreito de Ormuz prenderá seus inimigos em “redemoinhos mortais”. De acordo com Roberto Goulart Menezes, professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB), a tensão tende a se intensificar após a ameaça dos EUA de interceptar as embarcações. “Os Estados Unidos vinham aumentando a presença militar na região, por meio da Marinha, para controlar parte do Estreito de Ormuz. O plano de Trump não é de pura e simplesmente abrir o canal. Ele nega toda e qualquer chance de soberania sobre o Estreito de Ormuz para o Irã”, explicou ao **Correio**.

Menezes lembrou que os americanos tentaram ocupar uma das margens do estreito. “Agora, vão querer dominar todo o canal. Trump está não apenas incomodado, mas muito irritado com a possibilidade de o Irã impor barreiras à navegação em Ormuz. Os ataques ao Irã provavelmente serão retomados, e os EUA tentarão, de uma

Atta Kenare/AFP



Mulher caminha diante de outdoor com a frase “O Estreito de Ormuz permanece fechado” em Teerã

vez por todas, liberar o canal e colocá-lo sob a sua soberania.”

“Risco altíssimo”

Ex-embaixadora do Paquistão nas Nações Unidas, nos EUA e no Reino Unido, Maleeha Lodhi advertiu que o bloqueio, por parte dos americanos, será uma manobra de “altíssimo risco”. “Isso agravaria a situação e a levaria a uma fase muito perigosa. Aproximar-se da costa iraniana também poderia

colocar em risco a vida de militares americanos”, disse à reportagem.

Emma Salisbury — pesquisadora senior não residente do Programa de Segurança Nacional do Foreign Policy Research Institute (Instituto de Pesquisa em Política Externa) e pesquisadora associada no Royal Navy Strategic Studies Centre (Centro de Estudos Estratégicos da Marinha Real) — afirmou ao **Correio** que não espera nada além de retórica belicista de ambos os lados. “O imperativo é

demonstrar força perante os públicos internos. O que realmente importa são as negociações”, destacou, por e-mail, desde Londres.

Salisbury sublinhou que uma interrupção bem-sucedida na navegação em Ormuz pode se tornar ponto de pressão adicional para os EUA nas negociações com Teerã. “Mas, também, poderia potencialmente levar a ataques iranianos com mísseis e drones contra os navios de guerra da Marinha americana que impuserem o bloqueio.”

Eu acho...



Arquivo pessoal

“O controle do Estreito de Ormuz é um ponto de atrito sério nas negociações — trata-se do maior instrumento de pressão que o Irã possui, dado o impacto na economia global. A questão é se a frustração de Trump o levará a ordenar novas ações militares, em uma tentativa de pressionar o Irã. Seja como for, a navegação provavelmente só será retomada pelo Estreito após um acordo de paz.”

Emma Salisbury, analista do Programa de Segurança Nacional do Foreign Policy Research Institute

Meir Litvak, diretor do Centro Aliança para Estudos Iranianos da Universidade de Tel Aviv, avalia o anúncio de Trump como “um ato de frustração e, talvez, mesmo de desespero”. “O presidente ampliou o escopo de possibilidades por não atingir seus objetivos estratégicos. O conflito com o Irã ameaça destruir seu governo, caso termine em derrota, com o Estreito de Ormuz ainda sob controle iraniano e o impacto devastador disso na economia mundial”, explicou ao **Correio**.

ELEIÇÕES NO PERU

Keiko Fujimori segue na luta

O fujimorismo esteve no comando do Peru há 26 anos. No primeiro turno de tumultuadas eleições presidenciais, com 35 candidatos e atrasos de até seis horas para a abertura de algumas seções de votação, parte dos peruanos deu um voto de confiança ao movimento político. Keiko Fujimori, 50 anos, filha do ex-presidente Alberto Fujimori (1990-2000), liderava as pesquisas de boca de urna com mais de 16% dos votos, de acordo com as empresas de consultoria privadas Ipsos e Datum. Os 27 milhões de peruanos foram às urnas, no primeiro turno, para escolher o décimo presidente em uma década.

Fujimori, do partido Fuerza Popular, tinha 16,6% da preferência do eleitorado, contra 12,8% para Rafael López Aliaga, do Renacimiento Popular, ambos de direita. Em seguida, aparecem Jorge Nieto Montesinos (11,6%) e Ricardo Belmont (10,5%). Por sua vez, a Ipsos apontava que Keiko teria 16,6% dos votos; Roberto Sánchez, 12,1%; e Belmont, 11,8%.

As seções eleitorais fecharam às 18h no horário local (20h em Brasília), segundo a Oficina Nacional de Processos Eleitorais (ONPE), depois de uma jornada conturbada na qual pelo menos 63 mil pessoas ficaram sem votar devido a problemas logísticos do órgão eleitoral.

Em entrevista à agência France-Press, na véspera da eleição, Fujimori prometeu expulsar imigrantes irregulares, atrair investimentos

AFP



Keiko, filha de Alberto Fujimori, disputou com 34 candidatos

dos Estados Unidos e se juntar ao bloco de governos de direita da região, que cresce com o apoio de Donald Trump.

Cenários

“Keiko Fujimori é uma candidata que costuma ter um desempenho ruim no segundo turno. Tudo dependerá de quem será o seu adversário”, explicou ao **Correio** Eduardo Dargent, professor de ciência política da Pontifícia Universidade Católica del Perú (em Lima). “Os possíveis rivais estão um pouco atrás nas pesquisas de boca de urna e têm muita rejeição. Mesmo diante de Aliaga ou de Roberto Sánchez, Keiko deverá ter um desempenho, no segundo turno,

melhor do que nas últimas eleições”, avaliou.

De acordo com Dargent, Keiko chega “forte” à disputa. “Ela teria boa representatividade no Congresso. Se chegar ao segundo turno com Aliaga, Fujimori apresentará uma posição muito mais moderada do que o adversário, em temas da direita. Contra Sánchez, a disputa, provavelmente, será mais difícil”, disse. O estudioso vê em Jorge Nieto Montesinos o rival mais difícil para a fujimorista. “Isso pelo fato de ele ser mais centrista”, explicou.

Mais de 90% dos peruanos têm “pouca” ou “nenhuma confiança” em seu governo e em seu parlamento, a taxa mais alta da América Latina, segundo a pesquisa regional Latinobarómetro.

MUDANÇAS NA HUNGRIA

Voto decreta fim da era Orbán

Viktor Orbán, 62 anos, aliado de Donald Trump e primeiro-ministro da Hungria durante 16 anos, aceitou a derrota nas urnas e telefonou para o adversário, Peter Magyar, 45, a fim de parabenizá-lo. O líder ultraconservador, do partido nacionalista Fidesz, fez um discurso lacônico. “Os resultados da eleição, embora ainda não sejam definitivos, são claros e compreensíveis; para nós, são dolorosos, mas inequívocos”, declarou. “Parabéns ao partido vencedor.” As eleições legislativas húngaras quebraram o recorde em termos de comparecimento às urnas — 79,50% dos húngaros deslocaram-se até as seções eleitorais, em comparação a 70,5% da afluência registrada em 2002.

Em seu pronunciamento, o novo premiê avisou: “Nós libertamos a Hungria”. “Juntos, derrotamos o regime de Orbán”, afirmou Magyar, do partido Tisza. Até pouco tempo atrás, o ex-diplomata da União Europeia (UE) era um simpatizante de Viktor Orbán e chegou até mesmo a aplaudir discursos do governante da extrema-direita. Habilidade comunicador e perfeccionista, Magyar focou a campanha nas promessas de combate à corrupção, melhoria dos serviços públicos — principalmente a saúde — e a adoção de reformas para bloquear bilhões de euros em fundos da UE para a Hungria.

Segundo a apuração oficial com 98,15% das seções eleitorais, o Tisza obteve 138 dos 199 assentos com

Atila Kisbenedek/AFP



O primeiro-ministro Viktor Orbán: adeus depois de 16 anos no poder

53,56% dos votos, contra 55 assentos e 37,86% para o partido Fidesz, de Orbán. Com isso, o Tisza obtém supermaioria de dois terços para realizar reformas constitucionais.

Líderes europeus saudaram os resultados. O chanceler alemão, Friedrich Merz, expressou “suas sinceras felicitações” ao vencedor das legislativas húngaras e o chamou a “unir forças por uma Europa unida”. “A França saúda uma vitória da participação democrática, do apego do povo húngaro aos valores da União Europeia e por uma Hungria na Europa”, declarou o presidente francês, Emmanuel Macron, na rede X. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, celebrou que “a Hungria escolheu a Europa”.

Alinhamento

Para o eslovaco Dalibor Rohac, especialista em política europeia pelo American Enterprise Institute (AEI), o principal motivo que levou à derrota de Orbán foi o fato de o ultraconservador ter transformado a Hungria “em um dos países mais pobres e mais corruptos da UE”. “A eleição é uma boa notícia para os EUA. Orbán não estava alinhado com os interesses americanos — mantinha laços estreitos com a China, a Rússia e o Irã. É uma derrota para o projeto ideológico do Maga: o da desintegração da União Europeia”, disse ao **Correio**. “Não há dúvida de que o partido Fidesz deixará muitas ‘bombas-relógio’ para Magyar.”